



Congresso do Team 10 - Otterlo 1959

## A IDEIA DE CIDADE A PARTIR DO MANIFESTO DE DOORN PAULO TORMENTA PINTO Doutor Arquitecto

/ ISCTE

**E**m 1959, no museu Kröller-Müller, projectado por Henry Van de Velde em 1921, na cidade holandesa de Otterlo<sup>1</sup>, uma nova geração de arquitectos lançava as bases de um olhar renovado sobre a arquitectura e as cidades que suplantava o impetuoso e optimista discurso que os mestres modernos dos CIAM tinham apregoado desde o primeiro congresso no *château* suíço de La Sarraz em 1928.

O fim da Guerra, a reinterpretação do sentido mecanicista, a inclusão de derivadas de ordem humanista e uma consciência da especificidade dos lugares, foram as chaves principais para a então jovem geração, auto-denominada de Team 10<sup>2</sup>, assumir uma liderança que significou o fim dos Congressos Internacionais de Arquitectura Moderna (CIAM).

Já se antevia em 1954, com o Manifesto de Doorn, a direcção reflexiva que o Team 10 promovia em relação à cidade. Em oito pontos, sinteticamente enunciados, era colocada em forma manifesto uma maneira renovada de olhar o espaço urbano. A questão que se levantava era a interpretação aprofundada do modo de vida das comunidades e das suas relações humanas para que as intervenções fossem de cumplicidade com o meio existente. As quatro funções enunciadas na Carta de Atenas de 1933 (Habitar, Lazer, Circular e Trabalhar) não podiam responder aos pressupostos de ordem humanista, que eram agora enaltecidos, na procura de conter a uniformização de critérios preconizada pelos mestres modernos.

<sup>1</sup> Estiveram presentes em Otterlo: Jaap Bakema, Aldo van Eyck, Georges Candilis, José Antonio Coderch, Christopher Dean, Giancarlo De Carlo, Ralph Erskine, Ch. Fahrenholtz Ignazio Gardella, Sandy van Ginkel, Geir Grung, Alexis Josic, Herman Haan, Oskar Hansen, Hubert Hoffman, Louis Kahn, Arne Korsmo, Blanche Lemco, Wendell Lovett, Vico Magistretti, McKay, Luis Miquel, Karoly Polónyi, Radovan Nikic, Brian Richards, Ernesto Rogers, Alfred Roth, Eduard Sekler, Alison Smithson and Peter Smithson, Jerzy Soltan, Fernando Távora, Kenzo Tange, Viana de Lima, John Voelcker, André Wogenscky, Shadrach Woods.

<sup>2</sup> Team 10, formado por Jaap. Bakema, Geoges Candillilis, Aldo Van Eyck, Alison e Petrer Smithon, Gutman, Jojn Voeker, William Howell e Sandrach Woods, foi criado em 1953 no CIAM de Aix-en-Provence.

No ponto 5º do manifesto, ressalta a figura do urbanista escocês Sir Patrick Geddes (1854-1932), devido ao seu conceito de Secção de Vale. Geddes havia chegado ao urbanismo, através da sua formação em biologia e botânica, tendo publicado em 1909 com forma de diagrama uma secção longitudinal que segue um rio desde a sua origem nas montanhas até à foz. A região abrangida incluía diversas situações, considerando que os vales se estruturam em torno de três elementos principais: geografia física, ocupação do solo e tipos de povoamento. Ao longo da secção podia entender-se diversos tipos de ocupação do solo e diversas actividades produtivas que se interligavam entre si.

Com este diagrama demonstrava-se uma questão inversa aos fundamentos darwinianos que apresentavam a sociedade como uma luta de classes. A influência que Geddes recebera do biólogo Chales Flahault (1852-1935), o qual destacava que as associações de plantas são hierárquicas mas cooperantes e mutuamente benéficas<sup>3</sup>, fazia-o conceber uma ideia semelhante para a sociedade humana, a cooperação será assim, no seu entender, a questão mais importante para a evolução das formas de vida. A Secção de Vale constituía-se como uma simulação arquetipal, de interpretação da cidade enquanto região, numa cadência de interdependência entre diversos estratos, populacionais e geográficos, o que introduziu uma amplitude abrangente no, então emergente, conceito de planeamento, onde apenas fazia sentido uma interpretação de cidade-região. Nas questões enunciadas por Patrick Geddes, o fenómeno urbano deriva de princípios de continuidade entre o campo e a própria cidade, entre economia e geografia, entre os diferentes tipos de população e suas ocupações. A Cidade surge assim como «manifestação maior da humanidade» que pode ser analisada de um modo taxenómico, idêntico às análises biológicas.

Outro conceito introduzido por Geddes é o de Conurbação em que se estabelece uma relação dentro de uma área geográfica extensa, onde existe uma rede de povoamentos, desde aldeias, vilas, cidades e cidades-região, compreendendo o fenómeno urbano sempre numa dimensão expansionista, onde as Conturbações são policêntricas, ao contrário da ideia de cidade-região que se desenvolve em torno de um único centro.

---

<sup>3</sup> SARMENTO, João – *O Evolucionismo Cultural e o Planeamento Urbano e Regional, Texto em memória dos 150 anos do nascimento de Sir Patrick Geddes (1854-1932)*, Serie Investigação 2004/5, Núcleo de Investigação em Geografia e Planeamento da Universidade do Minho

Sobre os princípios do urbanista escocês, constrói-se uma ideia de escala que é grata à geração do Team 10, nomeadamente ao casal Alison e Peter Smithson, em que os exaustivos estudos sobre os *clusters* apenas podiam conduzir a intervenções ajustadas em termos de escala, a uma interpretação de correspondência com a especificidade de cada aglomerado, deste modo não fazia sentido a criação de novas comunidades, senão que aquilo que se acrescenta só tem sentido quando dá resposta a algo que já existe, tal como classifica Alison num texto publicado em Julho de 1956 na *Architectural Design* – “Toda a situação nova existe no contexto de outras antigas e deveria dar um novo valor as formas das velhas comunidades, modificando-as, (...) a escala tem algo a ver com o tamanho, mas mais com o efeito do tamanho”.

Ao arquitecto cabia-lhe apenas a promoção das suas formas, que seriam depois habitadas, esperando que o espírito do tempo (*Zeitgeist*), se apoderasse das estruturas e se assumisse como o verdadeiro agente transformador, concebendo-se assim um sistema sempre em aberto, o que significa uma ruptura clara com o espírito albertiano de que a «cidade não é mais que uma casa grande».

A ideia desenvolvida pelos Smithsons, à volta do conceito de *Cluster*, é uma forma de atribuir especificidade a cada «habitat». *Cluster* é uma nomeação que se pretende isolar em relação a designações demasiado carregadas de conotações históricas, tais como «casa, rua, distrito, cidade, quarteirão, povoação». Deste modo para cada forma de associação existiria um modelo inerente de edifício<sup>4</sup>, o que implica uma produção sempre renovada e sempre distinta.

Por de trás das questões presentes no Manifesto de Door, pode intuir-se um desejo genealógico, onde se procura promover uma resposta baseada numa entrada aguda num passado no qual apesar de se desconhecer o momento primeiro, se procura uma estruturação a partir da epísteme de fragmento, seguindo um percurso algo arqueológico tal como Michel Foucault em 1966 indicava *As Palavras e as Coisas*.

As considerações derivadas deste conturbado momento da história da arquitectura, apontavam antes de tudo para uma compreensão do fenómeno urbano em termos de continuidade em vez da ruptura, naturalmente assente em questões que tem que ver

---

<sup>4</sup> Ver SMITHSON, Alison e Peter – *Urban Structuring*, Studio Vista Ltd, Londres, 1967.

com o espírito do tempo e dos lugares. A busca da essência para a intervenção implicaria uma essencialidade na proposta, ou seja o desenrolar de todos estes conceitos, apenas podia conduzir a um brutalismo, que deriva antes de tudo de uma vontade de deixar aparente e em evidência a estruturação conceptual do projecto.

O despojamento é quase extremado, aproveitando a herança mecanista, não como suporte de um revestimento artificioso, mas pela rejeição em absoluto da ideia de capa, tornando aparente o sistema construtivo e suas instalações. Os projectos para a escola de Hunstanton de 1950, ou os apartamentos Robin Hood Gardens de 1966, são disso exemplo.

A arquitectura surgia no «osso», suprimindo o supérfluo, não com um registo minimal, mas com um desejo algo económico que se construía sobre o privilégio do indispensável. Por outro lado estava também presente uma vontade de re-descoberta de um vocabulário quase ancestral, mas genuíno de cada lugar, que se constituía como uma linguagem inteiramente nova, sem recursos a historicismos, tal como sugeria Aldo Van Eyck no seu discurso em Otterlo: «o tempo transporta o antigo para o novo, não através da linha historicista, mas apelando à redescoberta dos princípios mais arcaicos da natureza humana».